

Bom dia a todas pessoas presentes!

É uma alegria poder estar aqui, completando hoje exatos seis meses na vice-direção da nossa querida FFLCH, a maior unidade da Universidade de São Paulo, ao lado de Adrián Fanjul. É uma alegria poder compartilhar com vocês, amigos, estudantes, orientandos e colegas esse ritual que formaliza a nossa posse em um contexto desafiador para as Ciências Humanas no país e no exterior. Como já apontou brilhantemente meu querido colega Adrián, é um contexto de guerras, genocídios, e também de feminicídios e transfeminicídios, tempos de graves intolerâncias e censuras que solapam os direitos humanos e os direitos fundamentais. Sem contar o aquecimento global, que anda de mãos dadas com o racismo, cujas previsões são alarmantes.

Estamos na era do Antropoceno ou do Antropo-cego, para usar a expressão da antropóloga peruana Marisol de la Cadena. O Antropocego não compreende que, para que a vida humana se perpetue, é preciso fazer mundos a partir de outras epistemologias nas quais se possa conviver de forma multiespecífica, conviver e co-habitar para além das distinções que hierarquizam e oprimem pessoas, classificando-as como mais ou menos humanas. Como faremos para que o céu não caia sobre as nossas cabeças? Davi Kopenawa, em sua obra “A queda do céu – palavras de um xamã ianomâmi” e outros intelectuais indígenas já tem nos mostrado como... mas estamos dispostos a ouvir o que eles tem a dizer?

Quando decidi aceitar o convite de Adrián para compor a chapa para com ele ano passado, trouxe comigo, para este cargo de grande responsabilidade (e trabalho sem fim), o anseio de poder colaborar na construção de uma universidade pública cada vez mais democrática, plural e multicolorida. Uma universidade negra e LGBTQIAPN+, com corpos diversos e divergentes, e com mais mulheres e pessoas gênero dissidentes em cargos de decisão e em etapas avançadas da carreira acadêmica. Na FFLCH, tivemos apenas duas diretoras mulheres, que quero saldar aqui, a profa. Sandra Nitrini e a Professora Maria Arminda. E duas vice-diretoras, Ana Paula Megiani, vice-diretora na última gestão, e agora eu.

Os cargos de gestão universitária são cargos que incluem inúmeras atividades e responsabilidades institucionais, burocráticas e administrativas. Mas não só. Incluem o

dever de colaborar na transformação do mundo para que continuemos vivos, para que a vida se perpetue. Para que parem de nos matar. Para que possamos colaborar na elaboração de políticas universitárias em diferentes frentes, para toda a comunidade que pertence, no nosso caso, à FFLCH.

Em termos de políticas universitárias, penso que fortalecer a área das Ciências Humanas é essencial no que se refere a financiamentos, bolsas, espaços, projetos e redes de pesquisa, apoio aos programas de pós-graduação e também o fortalecimento e a manutenção das políticas de ações afirmativas. O público da FFLCH mudou e hoje pode-se dizer que é um belo retrato da diversidade brasileira, de maioria negra.

A diversidade do corpo docente merece uma atenção especial pois a presença negra, indígena, trans, com deficiência ainda é ínfima. No anuário estatístico da USP de 2023, na FFLCH, docentes pretos e pardos são 18 (8%). Dos mais de 5 mil professores na USP, há 172 docentes que se identificam como pretos e pardos (6% do total). Há 3 docentes trans em toda USP. Há duas professoras surdas. Isso não é um manifesto, mas um pedido de atenção para a colaboração coletiva e implicada para uma universidade pública com mais equidade étnicorracial e de gênero. Como diz Audre Lorde, “para sobreviver precisamos estar vigilantes”.

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas compõe uma grande comunidade com mais 8 mil estudantes de graduação, 2400 de pós-graduação, mais de 400 docentes, 282 servidores técnicos administrativos e 84 terceirizados. Uma universidade dentro da universidade.

Quero destacar que a nossa gestão nasceu de uma construção ampliada de um grupo de colegas que acreditou em um projeto para a nossa Faculdade no qual é fundamental a participação coletiva em suas diferentes instâncias de decisão, envolvendo as três categorias. A participação coletiva tem sido uma marca da nossa atuação, apesar de termos começado agora. Por meio desta colaboração, conseguimos planejar tanto o orçamento quanto a infraestrutura e os espaços da Faculdade de forma participativa. Esperamos que discentes, docentes e servidores possam se sentir protagonistas, de forma ativa e construtiva, da nossa FFLCH.

E não posso deixar de mencionar, tal como já falou Adrián, do recém-projeto “Memória negra”, que faz parte do Projeto Memória 90 anos da FFLCH, que tem como propósito dar visibilidade e valorizar a presença e a memória de pessoas negras que trabalham e estudam na FFLCH. Além de docentes e servidores que ficaram invisíveis nessa trajetória, também queremos destacar a presença de referências para o movimento negro que também passaram por aqui, como Eduardo Oliveira e Oliveira e Lelia Gonzalez, memórias ancestrais da presença negra na FFLCH. A memória e a presença negras estão nas copas e nas cozinhas dos prédios, nos porões, nas salas de aula, nos banheiros, nos corredores, nos laboratórios e centros de pesquisa. Uma memória subterrânea que emerge a cada ato dos movimentos estudantis, dos coletivos anti-opressão e dos movimentos sindicais. A força e a coragem que estes movimentos tem em ocupar todos os espaços da universidade, e de contestar continuamente as políticas universitárias, inclusive docentes, como nós, que estamos na gestão, nos desloca continuamente e nos movimenta para podermos seguir e sonhar o futuro da universidade que construímos juntas, progressista, democrática e com muitas cores.

Tem sido um desafio enorme, com muito afeto, o apoio e a competência de várias pessoas. São muitas, mas quero destacar a dedicação de Mariê Pedroso, Fred Favoretto, Valdeni Faleiro e Miraldo Freitas, nossos assistentes, e Dayane Nogueira, da secretaria da direção. Sem o trabalho coletivo delas e de muitas pessoas não estaríamos aqui.

Obrigada!